# direção do tratamento



# a compulsão à repetição nas brincadeiras infantis[1]

Lenita Pacheco Lemos Duarte

## introdução

Em *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud supõe existir na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, relacionando com essa repetição os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas, o comportamento dos pacientes na transferência e o impulso que leva as crianças a brincar.

[1] Trabalho apresentado na III Jornada: A Clínica Lacaniana – Fundamentos e Práxis. RJ, 2001.

Ao observar a primeira brincadeira inventada por seu neto de um ano e meio, Freud descobre o significado da enigmática atividade que ele repetia constantemente. A criança brinca de atirar um carretel para em seguida fazê-lo reaparecer, com a particularidade de expressar "o, o, o, ó e da[2]", a que Freud associa às palavras *Fort-Da*, as quais indicam, respectivamente, o desaparecimento e o retorno do referido objeto. Desse modo, a criança repete ativamente no jogo a experiência que viveu passivamente: a partida de sua mãe.

[2] Freud. Além do princípio do prazer (1920/1976, p. 26)

Para Freud, esse jogo se relaciona à "grande realização cultural da criança"[3]. Quer dizer, o menino não pôde ter achado agradável ou mesmo ficado indiferente à partida da mãe, e uma maneira de obter compensação por isso é encenar ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que estavam ao seu alcance. Dessa forma, a criança transforma sua experiência em jogo, principalmente o primeiro, o da partida, encenado muitas vezes, em busca de um final satisfatório. Inicialmente, o menino estava numa situação passiva, dominado pela experiência; ao repeti-la, contudo, por mais desagradável que fosse, assumia no jogo o papel ativo.

[3] *Ibid.*, p. 27.

De acordo com a interpretação freudiana, tais esforços podem ser atribuídos a uma pulsão de dominação que atua de modo independente ao fato de a lembrança em si mesma ser desagradável ou não. Jogar o objeto de maneira que ele vá embora pode satisfazer um impulso da criança de vingar-se da mãe por se afastar dele, o que é suprimido na vida real. Nesse caso, tem um significado de desafio, ou seja, em vez de a mãe

deixar a criança, esta é que a manda embora por não mais precisar dela. Freud exemplifica outros casos em que as crianças gostam de expressar impulsos hostis semelhantes, lançando para longe de si objetos, em vez de pessoas. Ele fica em dúvida se o impulso para elaborar alguma experiência de dominação, para se tornar seu senhor, pode se expressar como um evento primário independente do princípio do prazer. Justifica que, no caso estudado, a criança só foi capaz de repetir a experiência desagradável na brincadeira porque a repetição envolvia uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta.

Freud nos ensina "que nas brincadeiras infantis as crianças repetem tudo o que lhes causou uma grande impressão na vida real e, assim procedendo, ab-reagem à intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhores da situação"[4]. Ele ressalta, ainda, que todas as brincadeiras das crianças são influenciadas por um desejo que as domina incessantemente, ou seja, o desejo de crescer e poder fazer o que os adultos fazem. Também é possível observá-las transformar experiências assustadoras em temas de suas próximas brincadeiras. Ao passar da passividade da experiência para a atividade do jogo e transferir a experiência desagradável para um de seus colegas, a criança se vinga em um substituto. Contudo, a partir de sua pesquisa, Freud concluiu que não é necessário supor que exista uma pulsão imitativa especial que possibilite o motivo para a criança brincar, assim como a natureza desagradável de uma experiência nem sempre se torna inapropriada para a brincadeira.

[4] *Ibid.*, p. 28.

Lacan, na primeira parte do seu ensino, ao retornar a Freud, nomeia a experiência do *Fort-Da* como o paradigma da "simbolização primordial"[5]. O fato de pronunciar uma palavra para nomear a mãe significa que esta não apenas é um objeto primordial, como tornou-se um símbolo. A simbolização introduz uma mediação da linguagem na relação mãe-filho. A oposição dos dois fonemas, *Fort-Da*, indica o protótipo da entrada na estrutura da linguagem. Em *O seminário - livro 11*, Lacan termina por indicar que o objeto lançado pela criança a representa.

[5] Lacan. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958), (1999, p. 194)

Segundo Freud, a compulsão à repetição também surge durante o tratamento dos neuróticos na transferência e, para compreendê-la, é preciso considerar que as resistências não são do inconsciente. O recalcado se esforça em abrir caminho para a consciência ou para uma descarga por meio de uma ação real. Como ressalta Freud, o paciente não pode recordar

todo o material do passado que se acha recalcado nele, sendo obrigado, a repeti-lo como se fosse uma experiência contemporânea. Além disso, as resistências durante o tratamento "se originam do ego e, então, imediatamente perceberemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalcado inconsciente"[6]. A maior parte do que é re-experimentado na compulsão à repetição deve causar desprazer ao ego, pois traz à luz as atividades pulsionais recalcadas, rememorando experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer. Assim, os pacientes neuróticos repetirão nos fenômenos transferenciais as situações indesejáveis e emoções desagradáveis vivenciadas na mais tenra infância, apesar da insistente resistência do ego em mantê-las recalcadas.

[6] Freud. Além do princípio do prazer (1920/1976, p. 33)

A seguir, apresento um caso clínico que ilustra esse contexto teórico, que nomeio "O mito da 'hipótema imbelical'".

## a compulsão à repetição nas brincadeiras de ivo

Ivo foi adotado aos 11 meses, quando sua mãe o escolheu num orfanato por seu "sorriso cativante" Quando Ivo completou quatro anos, advertiram-na de que era preciso revelar que ela e o marido eram os seus pais adotivos. Após terem dado esta informação ao filho, levaram-no ao orfanato várias vezes para conhecer as pessoas que o assistiram e o local onde vivera. O menino, na época, não esboçou qualquer reação, demonstrando "passividade e indiferença", como relatou a mãe. Tal fato coincidiu com o episódio da separação da avó materna, que tomava conta dele enquanto sua mãe trabalhava, sendo deixado desde então numa creche. Logo depois, Ivo começou a ficar muito agitado e agressivo. Na escola, também passou a desafiar a professora e a bater nos colegas, assim como a tentar destruir o que encontrava ao seu redor.

Encaminhado à análise aos seis anos, dirigiu-se inicialmente às gavetas e caixas de jogos, vasculhando tudo. Ao ser indagado sobre o que procurava, disse irritado: "Não sei". O que mais importava para ele era "jogar para o alto" qualquer objeto que estivesse ao seu alcance, enquanto gritava: Ah! Ah! Ah! Chamava a atenção a insistência que Ivo demonstrava em fazer desaparecer os objetos que tinha em mãos, lançando-os para longe, fora de nosso alcance e, às vezes, fora de nossa visão. Por inúmeras vezes, jogava a bola para a analista pedindo que a retornasse para ele e, em seguida, isolava-a, atirando-a repetidamente "para o alto", para cima de uma estante duplex. E isso ele repetia com os bonecos de fantoche, com as garrafas de boliche, enquanto ria, satisfeito ao ver a analista impotente

diante daquela situação, sem poder alcançar os objetos que fizera desaparecer.

Nas sessões seguintes, visivelmente preocupado e ansioso, procurava pelos brinquedos atirados, querendo saber se eu os havia apanhado de volta. Ao vê-los, mostrava-se mais calmo, porém insistia em repetir a mesma atividade. Certa vez, muito excitado com o jogo, pediu-me para sair da sala com elee para falar com sua acompanhante sobre uma lembrança que lhe ocorrera: "Não foi verdade, Mônica, que eu joguei 'para o alto', pela janela, duas flores e que eu fiquei esperando elas caírem, e que só uma caiu e que a outra desapareceu?". Gesticulando, angustiado, continuou: "Eu não vi a outra flor cair. O que será que aconteceu?". Após a confirmação da tia, retornou à sala e continuou associando livremente: "Sonhei que um ladrão entrou na minha casa e raptou a minha mãe, levando-a para um lugar desconhecido". Pergunto: "E ela foi encontrada?" "Não me lembro porque acordei". "E quando você acordou, ela estava em casa?" "Sim, estava". Após essas associações ocorridas na transferência analítica e o relato do sonho como manifestação do inconsciente, Ivo mudou a brincadeira. Agora, fazia com que os objetos lançados à analista retornassem às suas mãos, os quais, em seguida, eram novamente lançados a ela, e assim sucessivamente, enquanto pulava e gritava de alegria, insistindo em repetir o jogo completo de ida e volta.

Em várias sessões, Ivo passou a trazer de casa miniaturas de bonecos e pedia para lavá-los, alegando que estavam sujos, até certo dia dizer-me que ele era um bruxo. "Bruxo, por quê?" perguntou a analista. "Porque a minha cabeça está cheia de pensamentos sujos e ruins", disse ele. "Que pensamentos são esses?" "É segredo, não posso falar". E imediatamente continuou: "Mas sabe, eu também sou um mágico!" Pontuo: "Mágico?" Ele ri enquanto pergunta: "Quer ver?" Ele fecha os olhos e, permanecendo imóvel, levanta os braços e, ao estalar os dedos, assume uma postura de poder e domínio, dizendo: "Agora eu posso fazer aparecer e desaparecer o que eu quiser. Lenita, sabe quem está aqui?" Quem? "A Serena". Pontuo: "Serena?" "É uma bruxa, minha amiga, minha ajudante, que também faz mágicas. Também tem outra amiga, a Samanta, que é da minha família". A partir daí, uma ou outra de suas amigas bruxas estava sempre presente nas sessões. Com tiques e mímicas faciais, fazia "aparecer e desaparecer" suas amigas imaginárias, enquanto revelava vários outros nomes como "Andorra, Cupido, Serafim, Clara, todos moradores do castelo das bruxas, que fica fora do planeta Terra", como dizia. Comentou

que sua mãe também os visitava e que, às vezes, dormia com eles. Em outra sessão, passou a falar repetidamente o nome de uma bruxa da qual dizia não gostar, e o interessante é que o nome dela era o mesmo de sua mãe adotiva, mas com outro sobrenome. A analista pergunta: "Este nome não é o mesmo nome da sua mãe?" "É, mas não é a minha mãe, esta é outra. Ela é minha inimiga há muito tempo. Ela mora num castelo onde eu fui com minha mãe quando eu era pequeno". Aqui, Ivo parece fazer clara alusão à questão de sua filiação e às visitas feitas ao orfanato onde viveu. Pergunto: "Mas por que ela é sua inimiga?" "Depois eu conto". Ele evita tocar nesse assunto, mas logo exclama: "Ela é uma hipótema imbilical". "O que é isso?" "É uma coisa das bruxas e das fadas". Tal articulação significante aponta para um nó de significações que tem uma lógica a ser decifrada que parece apontar para se referir ao tema de sua gestação, para o cordão umbilical e, em última instância, para o enigma de sua mãe biológica e de seu nascimento.

Numa sessão posterior, trouxe um cartãozinho em que havia desenhado uma casa com purpurina dourada. Dizia que o cartão seria meu, mas que eu só poderia tocá-lo após a autorização de sua mãe. Insistiu muito para telefonar para ela, alegando que também precisava avisá-la que o tio, "um bruxo", estava internado. Acabo concordando, e Ivo, procurando se esconder, falou baixinho com ela. Em seguida, entregou-me o cartão, pedindo que eu o virasse e, para minha surpresa, do outro lado, estavam impressos os seus dados de identificação: nome, sobrenome, filiação, data de nascimento, plano de saúde e endereço. A partir desse ato, Ivo disse que eu fazia parte da sua família, que poderia freqüentar sua casa e também fazer mágicas. Mas, ao mesmo tempo, recomendou-me muito cuidado com o cartão brilhante que o identificava, indicando a pergunta sobre o desejo: pode ela me perder?

Posteriormente, Ivo resolveu desenhar e convocou a analista para fazer labirintos que ocupavam toda a folha. Depois foi pontilhando o percurso com diversas cores e, ao ser indagado sobre o significado do desenho, falou: "São luzes que iluminam dentro do túnel". Continuou repetindo este tema, enchendo várias folhas só com pontos coloridos. Pergunta a analista: "O que é isso?" "São luzes que deixam tudo iluminado, vou levar esses desenhos para casa".

Durante várias sessões, pedia-me para contar e representar a história do chapeuzinho vermelho, solicitando que repetisse a parte em que o lobo engolia a avó. Em seguida, era ele

quem encenava a história, insistindo em interpretar o lobo seguindo Chapeuzinho, o desaparecimento e o retorno da vovozinha. Era imprescindível no cenário um foco de luz que iluminasse os movimentos do ator. "É para ver melhor", dizia.

Ivo retorna numa outra sessão pedindo para lavar os bonequinhos, enquanto insistia em deixar a pia transbordar. A analista volta a perguntar sobre os pensamentos sujos e ele acaba dizendo "que pensa em fazer coisas malucas". "Malucas?!" Ele confirma dizendo que, às vezes, a "bruxa Andorra" bate com a vassoura no lustre e quebra tudo, mas num passe de mágica ele corre e junta todos os caquinhos. Porém, em seguida, revela: "Também sou de quebrar coisas. Bati com um pau, de propósito, na lâmpada da garagem da minha casa e caiu tudo na minha cabeça. Minha tia ficou apavorada. Isso foi de verdade". Logo depois, paradoxalmente, Ivo pediu que eu inventasse vários tipos de "anjos" para ele copiar ao lado da árvore de natal que desenhava para enfeitar sua casa.

Recentemente, Ivo vem dizendo que sua família é diferente das outras e que descobriu isso porque colocou todos os nomes e endereços da mãe, avó, tia, tio e primo num computador, e que este lhe informou que são todos bruxos. Pergunto: "Mas não eram mágicos?" "Eram, e eu vou continuar investigando essa história que é muito estranha". Desde então, faz associações com seu sobrenome, um significante similar ao significante "mágica", descobrindo pontos em comum e atribuindo a si mesmo certas qualidades e características especiais de personagens de contos de fadas.

## considerações teóricas

O que Ivo vem querendo expressar no processo analítico, com suas brincadeiras e jogos que se repetem com tanta insistência? Estes nos revelam uma compulsão à repetição que mostra o retorno do recalcado, ou seja, a tentativa de Ivo recordar e elaborar episódios desagradáveis de angústia, relacionados às situações traumáticas de separação vivenciadas numa época primitiva do seu desenvolvimento. Em vários momentos de sua análise, parece encenar as idas e vindas do orfanato e da casa da avó, encarnando um objeto que era enviado e depois retornava. Nesse vai-e-vem, ora apareciam, ora desapareciam várias pessoas que dele cuidaram enquanto permanecia passivo.

Durante o processo analítico, Ivo constrói sintomas e ficções que remetem a enigmas a serem decifrados. Segundo Freud, o sujeito diz pelo sintoma por não poder dizer de outra maneira.

O sintoma, como palavra a dizer, pede para ser ouvido. A repetição do sintoma é o signo da insistência desse "apelo". Para Lacan, por sua vez, a compulsão à repetição é a insistência da cadeia significante.

O analisante, diante da impotência para resolver suas questões, endereça seu sintoma à analista, a "Serena" Lenita, inicialmente sua ajudante de mágicas e bruxarias, depois membro de sua família, para que o ajudea a percorrer os "labirintos" de sua vida, repleto de perguntas sem respostas, como: "o que aconteceu com a outra flor que desapareceu?" e "e a mãe raptada no sonho, onde está?" Não seria a analista "a luz dentro do túnel", como ele diz, o sujeito suposto saber que poderia iluminar a verdade sobre sua origem, filiação, a maternidade, enfim, sobre o desejo que o gerou?

Lacan formaliza o matema da transferência[7], em que um significante do analisante (S) se dirige a um significante qualquer ($S_q$), que vem representar o analista. É dessa articulação significante, do que é simbólico da transferência, que a associação livre começa a se desenrolar na própria transferência, sinalizando a entrada em análise.

[7] Quinet. *As 4 + 1 condições de análise* (1991, p. 30-6)

$$\frac{S}{s\,(S_1,\ S_2 \ldots S_n)} \longrightarrow S_q$$

É por meio do significante "Serena, a bruxa amiga" ($S_q$), que também faz mágicas, que se estabelece a transferência com a analista, situada inicialmente no lugar de sua mãe adotiva, a quem Ivo, "o bruxo cheio de pensamentos sujos, ruins e malucos" (S), endereça ora suas brincadeiras agressivas, ora sua demanda de amor e ajuda para compartilhar seus sintomas e sonhos, na procura por desvendar o segredo de sua identidade e filiação.

A analista é convocada como parceira para ajudá-lo a decifrar seu enigma, que é a questão relativa às duas mães: a que o abandonou, que o "jogou para o alto, para o castelo das bruxas", e a que o desejou e o acolheu, adotando-o, dando-lhe amor, uma casa, um nome e sobrenome. Assim, vimos simbolicamente uma duplicação das mães, ora representadas pelas flores, "a que sumiu e a outra que caiu voltando às suas mãos", ora pelas bruxas, "uma que desapareceu e outra que retornou, uma inimiga e outra amiga", respectivamente. Sua ascendência familiar está em questão, está no lugar de algo a ser descoberto, em que um significante associado ao significante "mágica"

está presente no sobrenome que recebeu da família adotiva. Qual seria o passe de "mágica" a ser dado para desvendar esse segredo, esse enigma, essa "hipótema imbilical", como diz? É à analista que Ivo dá seu cartão de identificação, o objeto agalmático, o objeto "brilhante", autorizando-a a entrar na sua casa, no seu mundo de magias e bruxarias, a quem dirige sua demanda de amor e seu desejo de saber a respeito de sua história, sinalizando a demanda de análise, ou seja, seu consentimento para entrar efetivamente no dispositivo. Observa-se uma mudança subjetiva com a entrada em análise, quando Ivo passa do "não saber o que procura", vasculhando de forma repetitiva tudo ao seu redor, ao relato de um sonho em que emerge o sujeito do inconsciente, a partir do qual passa a associar livremente, procurando investigar e a questionar ativamente os mistérios e as dúvidas sobre si mesmo, sua mãe e seus familiares (são bruxos ou mágicos?), utilizando-se, inclusive, da ajuda de um computador. Além disso, nota-se sua tentativa de anular, com "passes de mágica" e "enfeites angelicais", seus atos agressivos e destrutivos que se manifestam como respostas à angústia que o acomete diante dos fatos ocorridos na sua vida.

Neste caso, observamos que diversas brincadeiras ilustram bem o jogo do *Fort-Da*. Por exemplo, ao transformar-se num "mágico", Ivo obteve o controle da situação, determinando o momento de poder desaparecer e voltar a aparecer, assim como suas amigas bruxas, a vovó de Chapeuzinho Vermelho, que foi engolida pelo Lobo Mau, e outros familiares de sua fantasia. Em suas brincadeiras, Ivo "joga para o alto" como foi jogado por sua família biológica. A expressão significante "jogar para o alto", que se repete nos seus atos e na sua fala, não seria uma forma de se vingar daqueles que o abandonaram também atirando-os para o alto e para longe? Por meio da experiência analítica, Ivo passa pouco a pouco do *acting-out* para os ditos e outras formas de dizer, ao expressar fantasias, recordações e um sonho traumático de separação de sua mãe. Podemos interpretar o jogo do *Fort-Da*, ora representando a(s) mãe(s), biológica ou adotiva, ora ele mesmo, como o próprio objeto da cena.

Como vimos, é com a construção do romance familiar que Ivo tenta dar conta de sua história particular, da relação com os Outros, buscando construir um mito para expressar sua questão neurótica obsessiva e para semi-dizer sua verdade.

## referências bibliográficas


CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita (ed.). *Marraio*, Rio de Janeiro, n. 1, 2001.

FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos (1900-01), parte II. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. V.

FREUD, Sigmund. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VI.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. VIII.

FREUD, Sigmund. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. O Homem dos ratos (1909). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. X.

FREUD, Sigmund. Conferência XVII: "O Sentido do Sintoma" (1916). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer (1920). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Angústia (1916[1925]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XX.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise (1953). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano (1958). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 4: A relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 21,1998.

MILLER, Judith. (org). *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a família*. Conferências Belorizontinas. EPB-MG, outubro,1997.

QUINET Antônio. *As 4 + 1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

QUINET, Antônio. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

QUINET, Antônio. *Zwang und trieb:* sintoma obsessivo, com-pulsão à repetição. In: CARNEIRO RIBEIRO, Maria Anita e BARROS DA MOTTA, Manuel. *Os destinos da pulsão*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1997.

resumo

No artigo *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud supõe que existir na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer, relacionando com essa repetição os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas, o comportamento dos pacientes na transferência e o impulso que leva as crianças a brincar. No presente trabalho, procuro ilustrar, por meio de um caso clínico, que nomeio "o mito da 'hipótema imbelical'", em que uma criança adotada tenta decifrar de diversas formas o enigma da sua filiação. Durante a experiência analítica, passa de uma posição passiva, de objeto, ao domínio da situação, repetindo na transferência com a analista brincadeiras nas quais ora se coloca como bruxo, ora como mágico, e faz desaparecer e aparecer os objetos amados e odiados. As manifestações do inconsciente evidenciam como a criança passa do *acting out* para os ditos, expressando fantasias, recordações e um sonho traumático de separação, nos quais é possível interpretar o jogo do *Fort-Da*, como representação da(s) mãe(s), biológica ou adotiva, e dele mesmo, como o próprio objeto da cena.

palavras-chave

Compulsão, repetição, transferência, inconsciente, *Fort-Da*

abstract

In the article "Beyond the principle of pleasure", Freud believes that the compulsion to repetition supplants this principle. He connects repetition, dreams in traumatic neuroses, behavior of patients in transference and impulses that lead children to play.
In the present text I try to demonstrate, through a clinical case named "The myth of 'hipotema imbilical'", how an adopted child tries to decipher the enigma of his parentage by several means. During the analytic experience, the child goes from the passive position of object to controlling the situation repetitive play and games, sometimes assuming the role of a wizard or a magician, making objects that he loves and hates disappear and appear. The unconscious manifestations shows us how the child slowly passes from acting out to the dittos, expressing memories and a traumatic dream of dissolution, when it is possible to interpret the game of FORT-DA, representing sometimes the mother (s) – whether adoptive or biological – and sometimes himself as the object of the scene.

key words

Compulsion, repetition, transference, unconscious, *Fort-Da*